

AS PERCEPÇÕES DOS EX-COMBATENTES SOBRE CAMPINA GRANDE E SUAS MUDANÇAS¹

Samara Agripino Gouveia²

Martha Lúcia Ribeiro Araújo (orientadora)³

Esse é um trabalho que se propõe a abranger várias facetas da história dos ex-combatentes da segunda guerra mundial. O uso da história oral como metodologia, introduz uma discussão sobre representações, imaginário e sobre o simbólico, ou seja, a constante significação e re-significação dos fatos. Analisaremos os discursos, a sensibilidade dos modos de pensar/lembrar e dos modos de proceder diante de lacunas, isso através da memória e também o esquecimento. Trabalharemos com as mudanças ocorridas, mudanças essas que passam pelo econômico e político como forma de contextualização e se detém em aspectos de ver e pensar os fatos o que como podemos observar nos leva novamente as discussões de representações, imaginário e do simbólico.

O porquê de se optar pela história oral, com base numa história social, deve-se ao próprio objetivo do trabalho. Afinal como se buscar as percepções dos ex-combatentes sem procurá-las em suas falas, e como realizar uma análise destas falas sem analisar a memória e suas vertentes já que tratamos da década de 40, período antes, durante e após a guerra. Como analisar as falas sem nos remeter aos conceitos citados acima, ou ignorarmos a história local tratando das mudanças de Campina e campinenses, em seu modo de pensar e agir. Desse modo parece-me claro que a melhor maneira de dar coesão ao trabalho é trabalhar tudo isso propondo uma discussão sobre essas bases e sua importância.

Sabemos que a história oral é um método que independe da temporalidade, até porque mesmo tratando da década de 40, em seu depoimento e/ou entrevistas entrarão de modo consciente ou inconsciente influências e valores que naquele momento específico não existiam ou tinham outras bases, há também a questão da memória que por ser seletiva pode excluir, omitir fatos relevantes, mas que tenham um peso negativo para o entrevistado, leva-se em consideração o estado afetivo, neurológico e funcional do entrevistado já que esse incorre na prerrogativa de ficcionar fatos, ainda que sem o intuito, embora muitos vejam essas questões como nocivas a história oral, elas não devem ser pensadas desta maneira por que é exatamente nesses pontos que se sobressai a análise, a sensibilidade e o senso crítico do historiador.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático "História Local Para Além das Fronteiras: Fontes de Pesquisa e Metodologia Aplicada", durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba.

³ Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual da Paraíba.

Não há pesquisa sem dúvidas e nem história, a posição de muitos contra a história oral vêm de um apego à escrita por que essa durante muito tempo foi considerada como única capaz de resgatar a verdade, a começar pelos positivistas e seus métodos que privilegiaram a escrita, sobretudo, a oficial. Essa trajetória histórica permaneceu durante muito tempo, principalmente na memória, foi uma noção herdada e não contestada durante muito tempo, mesmo que antes de se privilegiar a escrita a história em seus primórdios foi realizada por transmissão oral, e mesmo muitos grupos, tribos ainda hoje não possuem escrita. Então seria correto dizer que não tem história, ou mesmo o registro dessa? Como acreditar que por utilizar de maneira explícita a subjetividade a história oral seria mais falha e frágil que a escrita, afinal um documento escrito também utiliza aspectos da memória, a subjetividade inerente a quem o produziu e as omissões e verdades do mesmo, e mesmo assim ainda é fonte de estudo bem requisitada por historiadores. Toda essa discussão serve para percebermos que tanto a escrita, quanto a oralidade são fontes que devem ser pesquisadas sem que se privilegie uma em detrimento da outra, mesmo porque elas possuem incidências diferentes fazendo com que um trabalho se enriqueça se souber abranger as duas de modo complementar e de forma a suscitar dúvidas e discussões.

Desse modo observamos que é importante voltarmos para oralidade e produzir trabalhos que a inclua, buscando assim nos inserir em algo que ainda é desconhecido para nós apesar dos estudos já existentes sobre a história oral, já que essa ainda não foi explorada em todo o seu potencial, assim como a oralidade que não é apreendida em todas as suas nuances, o historiador Ítalo Calvino expressa esse sentimento muito bem ao afirmar:

“De certo modo, acho que sempre escrevemos sobre algo que não conhecemos, escrevemos para dar ao mundo não-escrito uma oportunidade de se expressar através de nós. Mas, no momento em que minha atenção vagueia da ordem estabelecida das linhas escritas para a complexidade mutável que nenhuma frase consegue apreender totalmente, chego quase a entender que além das palavras há algo que as palavras poderiam significar.” (CALVINO, 1996, p.147).

A história oral, sobretudo na análise das perspectivas dos ex-combatentes, objeto de nosso estudo, demonstra claramente que mesmo que o historiador busque enfocar um passado distante, ele contará com aspectos do presente, isso ocorre porque a memória é a memória do tempo presente (por isso que história oral se entrelaça com história do tempo presente), isso porque ela re-significa seus valores e objetivos, ou seja, em acontecimentos próximos (emocionais) o depoente tende a distorcer os fatos por motivações subjetivas produzidas ao longo do tempo, e também porque a memória coletiva se impõe sobre a memória individual, de modo a levar o indivíduo a percepções e valores que não são propriamente seus, mas que é adotado pela sociedade e muitas vezes gerenciado pelos meios de comunicação, no entanto, mesmo a memória coletiva é constantemente reelaborada, e mesmo partindo do

real essa acaba por se influenciar por motivações inconscientes e subjetivas, assim como a memória individual, sendo assim observamos que:

“... Para que nossa memória se beneficie das dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possam ser reconstruída sobre uma base comum.” (POLLACK, s/d, p.04).

Ainda relacionado à memória, cabe-nos alertar para os diferentes tipos de testemunhas a grande testemunha e a pequena testemunha, a grande seria aquela que se coloca na ação, que está ciente de seu papel como personagem atuante na história, enquanto a pequena seria aquela testemunha que se coloca apenas no papel de expectador da história, ela não tem consciência de sua participação, a análise destas testemunhas é de fundamental importância, visto que isso influencia na memória, possivelmente a grande testemunha pode dar uma ênfase maior a um fato sem grandes proporções visando apenas aumentar sua importância naquele momento, enquanto a pequena testemunha pode fazer exatamente o inverso subestimar a importância do fato e sua atuação nele. Outro fato também bastante discutido no que concerne à memória seria a relação desta com a história, ou melhor, o fato de muitos não fazerem distinção entre elas, nesse caso discordaremos, memória e história não são iguais, contudo estão diretamente ligadas uma influenciando a outra, como observamos na seguinte citação:

“... Afinal, o vivido que guardamos em nossas lembranças e que circunscreve ou funda o campo da memória se distingue da história. Entretanto se são distintos, arriscaríamos afirmar também que são inseparáveis. Afinal, compreendemos a história como uma construção... Este operar, próprio do fazer histórico na sociedade, encontraria em cada indivíduo um processo interior semelhante (passado, presente e futuro) através da memória. Diferentemente de Hallwachs, veríamos a história e a memória como, apesar de distintos, mantendo significativas intersecções.” (MONTENEGRO, 1992, p.17-18).

Referindo-se a memória e a história, não há como se esquecer do papel das representações, do imaginário e do simbólico, intrínsecos as mesmas, afinal se história e memória se distinguem pelas bases e análise dos fatos, são construídas da mesma maneira, ou seja, são feitas de representações essas representações dão vez ao simbólico, na medida em que representar significa dizer que o fato é re-apresentado pela memória através de símbolos captados e/ou formados sobre o fato, desse modo observamos que a reapresentação não é meramente a lembrança do passado tal qual esse aconteceu, mas uma lembrança forjada, produzida e repleta de subjetividade, sobretudo a dos símbolos que independentemente terão seus significados ou a representação do mesmo, dito isto cabe-nos ressaltar que embora representação seja produzida essa tem bases no real, ou seja: “...

A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele.” (PESAVENTO, 2003, p.40).

Enquanto o imaginário ira pressupor conexões entre idéias e representações e consequentemente símbolos provenientes dessas idéias, dessas representações e da conexão entre elas, desse modo seria um sistema mais complexo articulado para ter coesão e que incide sobre o modo de ver e viver a vida, pois ele confere sentido ao real e como já podemos perceber organiza o mundo de maneira bem particular, já que admite crenças, ideologias, valores, ao mesmo tempo em que é agente de inclusão/exclusão e formador de identidades.

As representações, o imaginário e o simbólico agentes inseparáveis, assim como a memória e a história são flexíveis, mutáveis, adaptam o mundo a si, mas também se adaptam ao mundo, o que significa dizer que podem mudar de foco, mudar o modo de ver e perceber o mundo, por isso é importante hoje analisar as percepções através das representações, porque essas foram re-significadas, e muito do que não se falou ou trabalhou antes pode agora ter sua importância reconhecida, analisada e até discutida.

A análise dessas entrevistas não é tarefa das mais fáceis, isso porque a relação entre pesquisador e entrevistado pode incorrer em alguns problemas, a principio podem ser considerado um desrespeito o fato de o historiador analisar as suas falas, questionar-las e enquadrá-las segundo seu estudo, no entanto, o entrevistado deve ter consciência de que se propôs aquilo, que aceitou participar de um projeto de estudo que precisa das bases da análise para torna-se mais confiável e cabe ao pesquisador deixar isso claro, mas também cabe ao historiador saber que assim como o entrevistado expõe a sua verdade o historiador faz o mesmo em seu trabalho expõe a sua verdade, o que não quer dizer que ambas sejam mentiras ou verdades, mas que partem de pontos de vista diferentes sendo assim surge um outro problema não menos grave, a partir disto o entrevistado pode se sentir usado, afinal o pesquisador é quem conclui a sua pesquisa e recebe os créditos merecidos pela mesma, cabendo ao entrevistado a satisfação ou não de ter contribuído para isso, no entanto, a solução desse impasse não é tão simples, pois caso houvesse uma espécie de remuneração pelas entrevistas o trabalho poderia cair em descrédito ou o pesquisador incorrer na falta de ética, ao mesmo tempo em que não seja justo que os entrevistados colaborem, dediquem tempo e esforço para lembrar de coisas que até não gostariam e não recebam nem mesmo reconhecimento por isso, sendo assim concordamos com Montenegro quando ele expõe: “... a necessidade de atrelar essas entrevistas a projetos que, de alguma forma, possibilitem aos entrevistados uma participação direta no produto final obtido com seus depoimentos.” (MONTENEGRO, 1992, p.25). O fato da entrevista está atrelada a um projeto a torna ainda mais respaldada e necessária, ao mesmo tempo, que dá ao depoente

os créditos pela sua disposição revelando a toda comunidade e não apenas a acadêmica a importância de se discutir o vivido.

A relação entre entrevistado e pesquisador como já pudemos perceber é delicada, portanto cabe ao entrevistador fazer dessa entrevista o mais tranquila possível, nesse sentido é fundamental que antes da mesma o historiador se cerque de toda informação possível sobre o assunto a ser estudado, para que tenha mesmo que uma tênue idéia de como era aquele momento, isso para que a entrevista transcorra da melhor maneira, também se faz necessário que a entrevista venha a parecer mais com uma conversa informal, dessa maneira o entrevistado se sentirá mais a vontade e será mais espontâneo fornecendo ao pesquisador informações que seriam mais difíceis de obter, outra maneira de incitar a espontaneidade do entrevistado seria o local da entrevista, desde que esse fosse um local para o mesmo agradável e familiar como à residência do próprio, nesse caso o pesquisador deve estar ciente da interferência da família do entrevistado, interferência essa que pode ser benéfica ou maléfica para o transcorrer da entrevista.

Outro lugar propício seria aquele que remetesse o entrevistado ao passado trabalhado, que se apresente como significativo para as lembranças dos fatos, além dos fatores citados para que haja uma boa entrevista, uma entrevista produtiva, é de fundamental importância que o pesquisador vença as barreiras impostas pelos estereótipos e suas próprias representações, um outro fator que não deve ser omitido é a necessidade desse mesmo pesquisador estar atento para as distâncias temporais e as transformações ocorridas no que concerne às representações e imaginário, ainda: *“Sobre a distância temporal que nos separa do fato lembrado, teríamos ainda a considerar que o sujeito realiza uma ordenação pessoal. Essa ordenação obedece a uma lógica afetiva...; enfim, recontar é sempre um ato de criação.”* (BOSI, s/d, p. 62).

No que se refere às entrevistas, há que se ter em mente que determinados assuntos circulam por uma esfera afetivo/emocional, e isso faz toda a diferença na entrevista e na análise, pois a fala emotiva é fragmentada, ou seja, repleta de pausas, silêncios, da própria fala de forma tateante, no entanto, é portadora de significações próximas da verdade, ou como nos revela Ecléa Bosi:

“... registremos atentos as hesitações e os silêncios do narrador. Os lapsos e incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade. Narrativas seguras e unilineares correm sempre o perigo de deslizar para o estereótipo. Existem evoluções obscuras nas representações coletivas, mal conhecidas pelos contemporâneos porque elas se situam aquém de uma consciência formalizada” (BOSI, s/d, p. 65-64).

Desse modo, observamos que o silêncio e hesitações das testemunhas e também do historiador diante desta está longe de se configurar em técnica, já que se dá de maneira espontânea, porém assim como no esquecimento, esses silêncios devem ser analisados,

obviamente dentro de seu contexto. Vale ressaltar que toda essa análise das falas e dos fatores que ela envolve (memória, representação, imaginário, etc.) só é possível pela multidisciplinaridade da metodologia, que abarca uma gama de estudos através das disciplinas humanas (sociologia, psicologia, entre outras.).

As entrevistas realizadas com o propósito de se analisar as percepções dos ex-combatentes, confirmaram na prática as teorias, no que se refere à memória, por exemplo, observamos como ela se adapta aos valores, partamos dos valores religiosos, um de nossos entrevistados afirmou que durante a guerra rezava sempre, e seguia com o preceito cristão da caridade, ajudando aos italianos que passavam por severas privações, e que só matava os inimigos por falta de alternativa, afinal era matar ou morrer, nesse caso observamos como ele coloca a presença da religião (católica, no caso), e como traça um paralelo, ou seja, como tenta justificar as mortes, compensando-as com outros preceitos religiosos o que não quer dizer que ele não se ressinta disto, o fato é que essa memória ela foi construída ao longo do tempo e sua argumentação foi baseada na religião e na consciência, desse modo observamos também a influência das representações e imaginário do presente, já que logo após a guerra a representação se basearia na construção do herói, ou seja, possivelmente o argumento seria que as mortes teriam sido causadas por um bem maior, a defesa da pátria e da humanidade, e não em legítima defesa como argumentou o entrevistado, isso ocorre como já vimos, não apenas por que se trata de uma construção a partir de representações, mas também porque o imaginário do presente, bem como a memória coletiva influenciaram e incidiram na produção dessa lembrança.

Outro ponto interessante está no que se refere à emoção, que revelam as hesitações, pausas, esquecimentos e as falas tateantes, nesse caso encontra-se quando o depoente fala sobre o irmão falecido na guerra, pois o depoente ao falar da morte do irmão o depoente chora, tem a voz embargada e transmite emoção, inclusive faz algo comum demonstra um sentimento de proteção para com o irmão antes de sua morte, ao afirmar que tentou impedir o irmão de sair do lugar onde se encontravam e que ainda lhe deu dinheiro e pediu que lhe escrevesse (o irmão faleceu devido a um tiro, o depoente não soube dizer de que, no trajeto que fazia), demonstra também uma conformação que provavelmente não houve na época, mas que ele transferiu para suas lembranças do ocorrido, quando relata que já sabia da morte do irmão, antes mesmo de lhe darem a notícia, e argumenta que isso aconteceu porque não recebeu cartas de seu irmão. A verdade da emoção nesse trecho da entrevista está no fato de se perceber a comoção ao relatar a morte do irmão, comoção essa que anula a conformação do fato na época, revelando nesse ponto a memória construída com sentimentos atuais.

Outro ponto importante a ser destacado sobre as entrevistas é o benefício comprovado pela prática destas em se manter o entrevistado o mais a vontade possível, mantendo-o no

ambiente familiar, com uma entrevista que mais se parece para ele com uma conversa informal, pois dessa forma ele não se sente pressionado e espontaneamente trata de assuntos como o racismo, as crianças na guerra, as relações que mantinham com as italianas, entre outros que vem carregado de valores e subjetividades, mas que mesmo assim constituem uma fonte de pesquisa importante para analisar e perceber suas visões, seu modo de perceber e ver a família, a guerra, o mundo...

No tocante a história local, observaremos de modo rápido mais significativo, a política, a economia e o cultural da década de 40 em Campina Grande, observaremos esse processo relacionando-o obviamente com a guerra, veremos como os ex-combatentes viram essas transformações e como essas modificaram a vida da população, para tanto averiguaremos essas transformações junto às pessoas que não saíram da cidade durante esse período, por que diferente dos ex-combatentes essas pessoas assistiram essas mudanças e participaram de seu processo, enquanto os ex-combatentes provavelmente se depararam com elas de forma mais inesperada. Analisaremos as mobilizações, reações populares antes, durante e após a guerra, nesse sentido buscamos analisar fatos como o citado por Lino Gomes da Silva Filho:

“Devido aos constantes afundamentos de navios brasileiros, perpetrados por submarinos alemães, o povo da cidade, à tarde e à noite, saiu as Ruas (Sic) e promoveu comícios e passeatas de protesto. Grupos de exaltados incendiaram a casa de comercial do italiano Antônio de Andréia, na Rua Cardoso Vieira, e fizeram depredações nas oficinas de fundição dos alemães Tomas e Schaffer, na Avenida Getúlio Vargas e teriam cometido maiores depredações em outros pontos da cidade se não fosse à ação pronta e energética do General Fiuza de Castro, que mandou policiar todas as ruas por pelotões do exercito e proteger os bens dos estrangeiros.” (SILVA FILHO, 2005, p. 171-172).

A partir dessas análises buscaremos traçar um panorama da cidade de Campina Grande, e também de sua população revelando seus entraves, com suas continuidades e descontinuidades geradas pelo estado de apreensão, pela guerra e principalmente pelos homens que se encontravam lá, afinal esposas, pais e filhos estavam conectados de forma significativa com os acontecimentos da guerra na Itália e isso refletia em seus pensamentos e ações.

Como pudemos perceber os principais meios desse trabalho foram: relacionar e analisar, dessa forma pode-se dar vozes a história oral através de entrevistas e depoimentos de diferentes pessoas que vão de iletrados a formados, dar credibilidade funcional na pesquisa a memória, estruturando representações, imaginário e simbólico, indo além demonstrando que a entrevista/depoimento vai além da vazão ao empírico e ao subjetivo revelando assim a necessidade da multidisciplinaridade encontrada na história oral, e associando esse estudo a uma história local, e as diversas situações e percepções possíveis. Esse trabalho como já se percebe não trata do militar da guerra, mas das situações geradas por ele, trata

de analisar pessoas e não situações, embora como trabalho histórico situe e historicize tais acontecimentos, a importância deste trabalho está em revelar a face humana durante a guerra, seu objetivo maior foi o de perceber como a segunda guerra afetou as pessoas que dela participaram. Nesse sentido cabe-nos concordar com Francisco César Alves Ferraz:

“... A participação brasileira na guerra aparece pouco nos livros de História, os pracinhas estão desaparecendo com o passar dos anos, assim como as sedes das associações e seus acervos. Mas suas lutas continuam. Para esses idosos veteranos, seja celebrando suas histórias, seja enfrentando as diversas modalidades de esquecimento, a guerra em que lutaram nunca acabou.” (ALVES FERRAZ, Nossa história nº15, p.35).

Diante disto vemos a importância de se dedicar à história desses homens, até mais que a da guerra propriamente dita, já que essa possui vários estudos e aprofundamentos, em detrimento ao aspecto mais pessoal de análise que nosso trabalho dedica a esses homens que arriscaram a vida, por diferentes motivações que vão do ideal de defesa da pátria ao de estar lá simplesmente por ter sido convocado.

Referências Bibliográficas

- BOSI, Ecléa. O tempo vivido da memória: ensaios de psicologia social. S/l. Ateliê editorial. S/d.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas: 1996.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Memória: A Cultura Popular Revisitada. São Paulo. Editora: Contexto, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Belo Horizonte. Autêntica: 2003.
- PINHEIRO, José Juarez Bastos. A Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. S/l.
- POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. São Paulo. Revista de estudos históricos 1989/3.
- SILVA FILHO, Lino Gomes da. Síntese Histórica de Campina Grande 1670-1963. João Pessoa. Editora Grafset: 2005.
- _____. O Brasil foi à guerra. Revista Nossa História. Ano 2/nº 15, janeiro de 2005. Editora Vera Cruz.
- Entrevistas e depoimentos de ex-combatentes da FEB, residentes em Campina Grande.